

O MUNDO DE ONTEM
recordações de um europeu



STEFAN ZWEIG

O MUNDO DE ONTEM
recordações de um europeu

tradução

GABRIELA FRAGOSO

ASSÍRIO & ALVIM

PREFÁCIO

Nunca atribuí tanta importância à minha pessoa que me sentisse inclinado a contar aos outros a história da minha vida. Muito mais teve de acontecer, infinitamente muito mais do que aquilo que geralmente cabe a uma geração — ocorrências, catástrofes e provações — até eu ganhar coragem de iniciar um livro que tem como personagem principal, ou melhor, como tema central, o meu próprio eu. Nada está mais longe das minhas intenções do que pôr-me em evidência, a não ser enquanto apresentador de uma sessão de diapositivos; a época fornece as imagens, eu limito-me a enunciar as palavras que a acompanham, e não será tanto o meu destino que apresento, mas o de uma geração inteira — da nossa geração daquela época, a qual, como poucas na história, foi sobrecarregada pelo destino. Cada um de nós, mesmo o mais pequeno e insignificante, viu a sua existência mais íntima revolvida pelas convulsões vulcânicas, quase ininterruptas, da nossa terra europeia; e, no meio dos numerosos outros, não consigo atribuir-me nenhuma primazia senão esta: a de, enquanto austríaco, enquanto judeu, enquanto humanista e pacifista, ter estado sempre exatamente no ponto em que estes abalos sísmicos mais se faziam sentir. Três vezes me despedaçaram casa e existência, separando-me de todo o antes, de todo o passado e, com a sua veemência dramática, lançaram-me no vazio, no meu já bem conhecido «não sei para onde». Mas não me lamentei; precisamente o apátrida torna-se livre num novo sentido, e só quem já

não está ligado a nada não precisa de ter mais nada em consideração. Espero assim poder preencher pelo menos uma condição essencial de qualquer exposição fiel da própria época: sinceridade e imparcialidade. Porque liberto de todas as raízes e mesmo da terra que as alimentava — eis o que verdadeiramente sou como poucos alguma vez o foram. Nasci em 1881 num grande e poderoso império, na monarquia dos Habsburgos, mas não a procurem no mapa: foi erradicada sem deixar rasto. Cresci em Viena, a metrópole supranacional duas vezes milenar e tive de a abandonar como um criminoso, antes de ela ser rebaixada à condição de uma cidade alemã de província. A minha obra literária foi reduzida a cinzas na língua em que a escrevi, no mesmo país em que os meus livros tinham feito milhões de amigos entre os leitores.

Não pertenço, por isso, a mais nenhum lugar, em todo o lado estrangeiro e, na melhor das hipóteses, hóspede; até a verdadeira pátria que o meu coração elegeu, a Europa, também a perdi, depois de, por duas vezes, se ter dilacerado de forma suicida em guerras fratricidas. Contra a minha vontade, fui testemunha da mais terrível derrota do bom senso e do mais selvagem triunfo da brutalidade alguma vez ocorridos na crónica dos tempos; nunca — e de forma alguma o registo com orgulho, mas antes com vergonha — uma geração caiu, como a nossa, de uma tal elevação espiritual para uma tal baixeza moral. No pequeno intervalo entre o despontar da primeira barba e agora, que ela me começa a encanecer, neste meio século, houve mais transformações e mudanças radicais do que em dez gerações precedentes, e cada um de nós sente que quase foi de mais! Tão diferente é o meu hoje de cada um dos meus ontens, com as minhas ascensões e as minhas quedas, que por vezes me parece ter vivido, não uma existência apenas, mas várias, completamente diferentes umas das outras. Pois amiúde me sucede que, ao dizer inadvertidamente «a minha

vida», sem querer, me pergunte: «Qual delas?» A vida anterior à guerra, anterior à primeira ou anterior à segunda, ou a vida de agora? E de novo dou comigo a dizer: «A minha casa» e não sei logo a qual das antigas casas me estou a referir, se à de Bath ou à de Salzburgo ou à casa paterna em Viena. Ou então digo «na nossa terra» e sou obrigado a lembrar-me, assustado, que, para os meus compatriotas, tal como para os ingleses e americanos, há muito tempo deixei de ser um deles, que já não estou organicamente ligado àqueles e que, por sua vez, nunca estarei completamente integrado aqui; o mundo em que cresci, e o mundo de hoje, e aquele que se situa entre ambos estão cada vez mais separados uns dos outros no meu sentimento enquanto mundos completamente distintos. Sempre que, à conversa com amigos mais novos, relato episódios do tempo anterior à primeira guerra, reparo, pelas perguntas admiradas que me fazem, como para eles se tornou história ou inimaginável o que para mim é ainda uma realidade evidente. E um instinto secreto em mim dá-lhes razão: entre o nosso hoje, o nosso ontem e o anteontem, todas as pontes foram cortadas. Eu próprio não consigo evitar o espanto pela imensidão, a variedade que concentrámos no espaço de uma única existência — aliás, extremamente incómoda e perigosa — sobretudo em comparação com a forma de vida dos meus antepassados. O meu pai, o meu avô, que viram eles? Cada um viveu uma vida uniforme. Uma única vida, do princípio ao fim, sem subidas, sem quedas, sem convulsões e perigos, uma vida com pequenas tensões, com transições impercetíveis; no mesmo ritmo, compassado e calmo, a onda do tempo levou-os do berço à cova. Viveram no mesmo país, na mesma cidade e quase sempre até na mesma casa. O que se passava lá fora, no mundo, só acontecia verdadeiramente no jornal e não lhes batia à porta do quarto. Havia uma guerra algures naqueles dias, mas era só uma pequena guerra quando comparada com as dimensões das de

hoje e decorria lá longe, junto à fronteira, não se ouviam os canhões e, meio ano mais tarde, estava apagada, esquecida, uma folha seca da história, e de novo se iniciava a mesma vida de outrora. Mas nós vivemos tudo sem retorno, nada do que existira ficou, nada voltou; a nós estava destinado participar ao máximo naquilo que a história geralmente, e num dado momento, distribui com parcimônia por um país de cada vez, por cada século. Uma geração vivia, quando muito, uma revolução, outra um golpe de Estado, a terceira uma guerra, a quarta um flagelo de fome, a quinta uma bancarrota do Estado — e muitos países abençoados, muitas gerações abençoadas, não viveram sequer nenhuma destas coisas. Mas nós, nós que temos hoje sessenta anos e que legitimamente ainda devíamos ter algum tempo à nossa frente, o que *não* vimos nós, o que *não* sofremos nós, o que *não* vivemos nós? Lavrámos o catálogo de todas as catástrofes imagináveis de uma ponta à outra (e mesmo assim ainda não chegámos à derradeira folha). No que me toca, fui contemporâneo das duas maiores guerras da humanidade e vivi mesmo cada uma delas em duas frentes distintas, uma na frente alemã, a outra na antialemã. No período anterior à guerra conheci a forma e o grau mais elevados de liberdade individual e, depois, o seu mais baixo nível desde há centenas de anos. Fui festejado e proscrito, livre e subjugado, rico e pobre. Todos os lívidos corcéis do apocalipse tomaram de assalto a minha vida, revolução e fome, desvalorização da moeda e terror, epidemias e emigração; vi crescer e alastrar sob os meus olhos as grandes ideologias de massas, o fascismo na Itália, o nacional-socialismo na Alemanha, o bolchevismo na Rússia e, sobretudo, a maior de todas as pragas, o nacionalismo que envenenou a flor da nossa cultura europeia. Fui à força testemunha indefesa, impotente, do inimaginável retrocesso da humanidade a uma barbárie que há muito se pensava esquecida, com o seu dogma consciente e programático

de anti-humanismo. Estava-nos destinado, tantos séculos passados, ver de novo guerras sem declaração de guerra, campos de concentração, torturas, pilhagens em massa e bombardeamentos sobre cidades indefesas, tudo bestialidades que as últimas cinquenta gerações nunca chegaram a conhecer e que as vindouras, assim o espero, não voltarão a tolerar. Mas, paradoxalmente, vi também, naquela mesma época em que o nosso mundo sofria um retrocesso moral de mil anos, essa mesma humanidade elevar-se a feitos inauditos nos domínios técnico e espiritual, ultrapassando com um golpe de asa tudo o que tinha sido alcançado ao longo de milhões de anos: a conquista do éter pelo avião, a transmissão, no mesmo preciso segundo, da palavra terrena por todo o globo e, com isso, o domínio do espaço, a cisão do átomo, a derrota das doenças mais traiçoeiras, o possibilitar quase diário daquilo que ontem era ainda impossível. Nunca, como até hoje, a humanidade, enquanto todo, se comportou mais diabolicamente e nunca como hoje conseguiu feitos tão próximos do divino.

Penso ser minha obrigação testemunhar esta nossa vida tensa, dramaticamente surpreendente, pois — repito — cada um de nós foi testemunha destas gigantescas transformações, cada um de nós foi obrigado a sê-lo. Para a nossa geração não havia forma de fugir, de se pôr à margem, como no passado; graças à nossa nova forma de organização sincrónica, estávamos permanentemente inseridos na nossa época. Quando as bombas despedaçaram as casas em Xangai, soubemo-lo na Europa, nos nossos quartos, antes mesmo de os feridos terem sido retirados das suas casas. Aquilo que ocorria a mil milhas para lá do mar saltava-nos para a frente dos olhos. Não havia qualquer defesa, qualquer segurança contra a participação e a informação constantes. Não havia país para onde se pudesse fugir, silêncio que se pudesse comprar, sempre e em todo o lado a mão do destino nos apanhava e puxava de volta ao seu jogo insaciável.

Tínhamos de nos submeter sempre às exigências do Estado, de nos entregar como presas à mais estúpida das políticas, de nos adaptar às transformações mais fantásticas, por muito que nos defendêssemos; estávamos sempre agrilhoados ao coletivo que nos arrastava consigo, irresistivelmente. Qualquer um que tenha atravessado essa época, ou antes, nela tenha sido perseguido ou acochado — tivemos poucos intervalos para recuperar o fôlego —, viveu mais histórias do que um qualquer antepassado seu. Hoje encontramos outra vez num período de mudança, num final e num novo começo. Não é, por isso, sem intenção, que termino provisoriamente esta retrospectiva da minha vida com uma data específica. Pois aquele dia de setembro de 1939 põe ponto final numa época que nos formou e educou, a nós, sexagenários. Mas se, com os nossos testemunhos, conseguirmos transmitir à geração seguinte uma partícula de verdade que seja acerca dessa estrutura decadente, não teremos agido totalmente em vão.

Estou ciente das circunstâncias desfavoráveis, mas muito características da nossa época, sob as quais tento dar forma a estas minhas recordações. Escrevo-as em plena guerra, escrevo-as no estrangeiro e sem o menor auxílio de memória. Não dispoño, no meu quarto de hotel, de nenhum exemplar dos meus livros, de nenhuma anotação, de nenhuma carta de amigos. Não posso recolher informação em lado algum, pois no mundo inteiro o serviço postal entre países foi interrompido ou dificultado pela censura. Cada um de nós vive tão isolado como há cem anos, antes de os barcos a vapor e o comboio e os aviões e o correio terem sido inventados. Por conseguinte, não tenho comigo nada do meu passado, a não ser o que guardei por trás da testa. Tudo o resto é para mim, neste momento, inalcançável ou se perdeu. Mas a nossa geração aprendeu na perfeição a arte comprovada de não chorar o que perdido está, e talvez a perda de documentação venha mesmo a revelar-se vantajosa para este meu

livro. Porque eu não vejo a nossa memória como um elemento que, por acaso, conserva *isto* e perde *aquilo*, mas antes como uma faculdade que sabiamente organiza e exclui. Tudo o que esquecemos da nossa própria vida já há muito tinha sido efetivamente condenado, por um instinto interior, a cair no esquecimento. Só aquilo que eu próprio quero guardar, tem o direito de ser guardado para outrem. Por isso, recordações, falai e selecionai em meu lugar e transmiti pelo menos um reflexo da minha vida antes que esta mergulhe na escuridão!